

A quintessência do amor

Amanhã o público do Festival de Almada tem a oportunidade de ficar a conhecer dois textos de dois autores de destaque da dramaturgia francesa contemporânea: Joël Pommerat e Pascal Rambert. O primeiro é o autor de *A reunificação das duas Coreias*, levado à cena pela companhia Gavella, de Zagreb; o segundo escreveu *Final do amor*, que o também croata Ivica Buljan quis encenar na Eslovénia. *A reunificação das duas Coreias* estará este fim-de-semana no Teatro Nacional D. Maria II e marca o regresso do encenador Paolo Magelli ao Festival.

Paolo Magelli diz ter lido “tudo” o que Joël Pommerat escreveu. Não hesita sequer em comparar o talento do dramaturgo francês ao de Eduardo De Filippo, considerando-o “uma das figuras mais importantes da cena teatral europeia”. A admiração deriva, em grande parte, da escrita implicada de Pommerat, marcada pela sua experiência como actor e encenador e pelo seu conhecimento profundo, a partir de dentro, do teatro e da sua própria companhia. *A reunificação das duas Coreias* veio a lume em 2013. Cena após cena, o autor tenta aproximar-se de uma espécie de quintessência do amor. Atenta num casal separado pelo Alzheimer; repara na afinidade que nasce no patamar das escadas, entre dois vizinhos; leva o seu tempo a perceber a natureza da relação que une uma criança e o respectivo educador. No final, qual Sherazade a quem as histórias sem fim vão poupando a vida, Pom-



Paolo Magelli regressa, com um ensemble croata

merat vai adiando a constatação do óbvio: que o novo do amor é impossível de pôr em ordem. Para Paolo Magelli, a questão é ainda mais complexa. O título é, em si, “a metáfora de uma utopia” porque, na verdade, o que está em causa é “a impossibilidade de unir

duas almas no amor”. Desta constatação para a afirmação do carácter político do texto é um passo. Como escreve o encenador italiano, “quer se queira, quer não, o debate sobre a ausência do amor neste nosso alienado mundo é o refrão ensurdecido deste texto” e

o caminho para a “infelicidade da nossa existência ridícula”.

Um duplo regresso

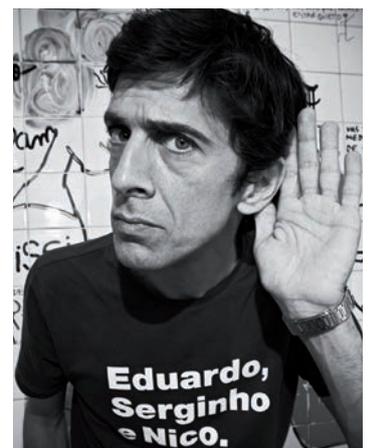
A reunificação das duas Coreias representa um duplo regresso: por um lado, é a segunda vez que o texto de Pommerat se apresenta no Festival de Almada. Por outro lado, trata-se também do regresso de Paolo Magelli, três anos depois de este ter apresentado no Palco Grande da Escola D. António da Costa a sua encenação de *Hotel Belvedere*, de Horváth. Seja como for, esta *Reunificação* promete distanciar-se da versão inaugural – desde logo porque conta com música ao vivo, interpretada pelos diferentes elementos do elenco. E é Magelli quem afiança, interpellando o público: “Estou certo de que os meus actores da companhia do Teatro Gavella, de Zagreb, conseguirão deleitar-vos, explicando-vos com paixão e sabedoria, melancolia e maldade, quão trágico é viver num mundo sem amor”.

Manel Cruz estreia-se na Esplanada

Depois do tributo a Zeca Afonso que abriu o Festival de Almada e da actuação desta noite dos Espírito Nativo, Manel Cruz sobe ao palco da Esplanada da Escola D. António da Costa, em Almada, num concerto a solo que antecede o lançamento do seu novo álbum, previsto para Setembro. O ex-vocalista dos Ornatos Violeta, que entretanto

integrou os grupos Pluto e SuperNada, bem como o projecto a solo Foge Foge Bandido, tem agitado o panorama musical português com músicas como “Ninguém é quem queria ser” e “Canção triste”. Apresenta-se em Almada amanhã, às 22h, poucos dias depois de ter actuado no palco Music Valley do Rock in Rio e um ano depois de ter marcado presença no festival

Sol da Caparica. Com este concerto, Manel Cruz junta-se a nomes como Jorge Palma e Samuel Úria, que recentemente foram responsáveis por algumas das maiores enchentes na Esplanada. Do novo trabalho são já conhecidos os singles “Cães e ossos”, “Ainda não acabei” e “Beija-flor”, três temas que certamente farão parte do alinhamento.



“Uma performance física”

Entrevista com Ivica Buljan

Ivica Buljan chegou hoje a Lisboa vindo de Zagreb. No entanto, a *Folha Informativa* esteve ao telefone com o encenador croata sobre a quinta encenação que apresenta no Festival de Almada, depois de *A linha amarela*, *Macbeth segundo Shakespeare*, *Píldes e Cais Oeste*. Trata-se de *Final do amor*, um texto do francês Pascal Rambert que lida com o fim dramático de uma relação amorosa.

Como é que entrou em contacto com este texto?

É uma história interessante. Sou amigo do Pascal Rambert e, um dia, ele convidou-me para traduzir para croata aquela que é, muito provavelmente, a sua peça mais conhecida: *Final do amor*. Para mim, é uma peça diferente de todas as outras que falam sobre o mesmo assunto. Ele encontrou uma “nova intimidade” na escrita e reflecte, no texto, a sua experiência como escritor, encenador e coreógrafo. Traduzir *Final do amor* foi um prazer e depois foi o próprio Pascal quem acabou por dirigir a versão croata. Mais tarde, pedi-lhe para dirigir o mesmo texto na Eslovénia. Queria trabalhar com uma dupla de actores que conheço muito bem: Marko Mandić e Pia Zemljič e que são um casal na realidade.

Mas o texto consiste em dois monólogos. Qual foi o seu papel neste espectáculo?

O meu papel consistiu, sobretudo, em libertar a energia física e mental. O Pascal veio assistir ao nosso espectáculo e ficou fascinado porque a *performance* é fortemente física. Os actores estão sempre em tensão e eu tentei desenvolver dois estilos diferentes de represen-



Marko Mandić e Pia Zemljič são os protagonistas de *Final do amor*

tação: o actor, que fala primeiro, é mais corporal, mais sexual até, na sua intervenção; a resposta da actriz, por sua vez, tem uma natureza mais psicológica.

Que sentimento fica connosco no fim do espectáculo?

Final do amor é uma peça muito contemporânea. É difícil defini-la... O espectador segue duas linhas narrativas, duas batalhas: uma intimista, travada por um casal que se separa e que, nesse mo-

mento, recorda a sua primeira viagem, a sua primeira noite de amor, fala das crianças, do passado; e uma batalha profissional, travada por dois actores que discutem alguns dos princípios básicos da sua profissão. Acho que podemos dividir o público em duas partes: a parte que nunca viveu uma separação semelhante e a parte que passou pela mesma situação e que não deixa de comparar a sua experiência com a deste casal, como se estivesse no divã do psicanalista.

Mimos de nariz vermelho

Amanhã, às 22h, a Rua Cândido dos Reis, em Cacilhas, recebe o espectáculo de rua *Clown Cabaret*, uma comédia sem palavras que se inspira no universo do cinema mudo e do circo. Inclui números de acrobacia e malabarismos,

levados a cabo por dois mimos de nariz vermelho vindos directamente de Itália. A Compagnia Omphaloz encarrega-se assim do segundo espectáculo de rua desta edição do Festival de Almada e, como não actua em nenhuma ou-

tra data ou lugar, protagoniza um momento imperdível e irrepetível. Se puder, não perca a oportunidade de visitar a rua mais animada de Cacilhas – até porque, agora, os espectáculos de rua regressam apenas na próxima sexta-feira, dia 13, com *On Air*, uma performance italiana sobre a história de um DJ da velha guarda que sonha ser uma estrela do *hip hop*.

AGENDA DE AMANHÃ

TEATRO

15:00 **Final do amor**
Teatro-Estúdio António Assunção

17:00 **Arizona**
Fórum Romeu Correia

19:00 **Bonecos de luz**
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:00 **A reunificação das duas Coreias**
Teatro Nacional D. Maria II

21:00 **Nada de mim**
Teatro da Politécnica

21:30 **Colónia penal**
Teatro do Bairro

ESPECTÁCULO DE RUA

22:00 **Clown Cabaret**
Rua Cândido dos Reis (Cacilhas)

MÚSICA

22:00 **Manel Cruz**
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Arroz de frango nigeriano
- Pescada com amêijoia
- Legumes no forno

AMANHÃ

- Empadão de carne
- Carapaus fritos c/ arroz de grelos
- Salada de couscous

